

FALIBILISMO E A FALÁCIA DE CONTRAFCTUAIS EPISTÊMICOS SEGUNDO STEPHEN HETHERINGTON

Fallibilism and the epistemic counterfactuals fallacy according to Stephen Hetherington

Sérgio Luís Barroso de Carvalho¹

Resumo: Stephen Hetherington é um dos mais proeminentes epistemólogos a defender que é possível ter conhecimento segundo as condições de crença verdadeira e justificada, apesar dos contraexemplos elaborados por Edmund Gettier. Ele fundamentou sua perspectiva no pressuposto de falibilidade do conhecimento e naquilo que ele chamou de "falácia de contrafactuais epistêmicos", segundo a qual não se deve assumir impossibilidade do conhecimento factual apenas em virtude da sua impossibilidade contrafactual - o que é reiterado por Anthony Booth. As críticas apresentadas por Brent Madison, John Turri e Duncan Pritchard apontaram para a relevância das suas ideias, mas também para o fato de que Hetherington ignorou que há diferentes tipos de sorte que podem interferir no processo de aquisição de conhecimento.

Palavras-chave: Falácia de contrafactuais epistêmicos. Falibilismo. Infalibilismo. Sorte epistêmica. Stephen Hetherington.

Abstract: Stephen Hetherington is one of the most prominent epistemologists to defend that it is possible to have knowledge as justified true belief, in spite of the counterexamples by Edmund Gettier. His perspective is motivated by the presupposition of fallibility of knowledge and by what he called "epistemic counterfactuals fallacy", according to which it is not possible to assume impossibility of factual knowledge based on its counterfactual impossibility - a perspective that is reaffirmed by Anthony Booth. The contrary arguments presented by Brent Madison, John Turri and Duncan Pritchard pointed to the relevance of Hetherington's ideas, as also to the fact that he ignored that there are different kinds of epistemic luck that can interfere in the process of knowledge acquisition.

Keywords: Epistemic counterfactuals fallacy. Fallibilism. Infalibilism. Epistemic Luck. Stephen Hetherington.

Introdução

¹Mestrando em Filosofia/UFPI.

Segundo Stephen Hetherington², há um duradouro consenso epistemológico de que a descrição de conhecimento como crença verdadeira e justificada é facilmente falseada por casos de tipo Gettier. Duncan Pritchard³ já havia afirmado que Hetherington é um dos únicos filósofos proeminentes a defender a possibilidade de conhecimento nesses casos. A discussão acerca dos argumentos apresentados por ele sobre o conhecimento dos casos de Gettier foi reavivada desde a publicação de trabalhos contra sua perspectiva e a favor dela.

Os casos apresentados por Edmund Gettier⁴ são contraexemplos àquela que ficou conhecida como teoria tripartite ou teoria clássica do conhecimento, segundo a qual para se ter conhecimento é necessária crença verdadeira e justificada. Esta proposta está consagrada na literatura filosófica através dos diálogos platônicos *Teeteto* e *Meno*, mas tem formulações recentes de grande repercussão, como as de Roderick Chisolm e A. J. Ayer.⁵ Através de seus contraexemplos, Gettier sustentou que essas condições não são suficientes para se ter conhecimento.

Um exemplo de caso de Gettier, popularizado por Alvin Goldman, pode ser descrito da seguinte forma⁶: Henry está olhando para um celeiro real, entretanto há muito celeiros falsos à sua volta. É uma questão de sorte que ele esteja olhando para um celeiro real, mesmo com tantos celeiros falsos por perto. Assim, ele teve uma crença verdadeira por sorte. Esse tipo de ocorrência seria incompatível com a aquisição de conhecimento.

Grandes debates sobre as condições do conhecimento se estabeleceram no campo da epistemologia contemporânea desde a publicação do artigo de Gettier. Um trabalho de grande repercussão foi o de Linda Zagzebski⁷, que buscou descrever a estrutura dos contraexemplos: o agente em questão tem uma crença falsa por sorte, mas justificada o suficiente para ter conhecimento, casos fosse verdadeira. Se for adicionado outro elemento de sorte que torna a crença verdadeira no final das contas, o resultado será uma crença verdadeira e justificada. Isso se deu em virtude de um elemento de “má” sorte que depois foi corrigido por outro elemento de “boa” sorte.

² HETHERINGTON, Stephen. Actually knowing. *The philosophical quarterly*, Oxford, v. 48, n. 193, p. 453-469, out. 1998. p. 453. Disponível em :<<http://www.jstor.org/stable/2660237>>. Acesso em: 2 jul. 2014.

³ PRITCHARD, Duncan. **Epistemic luck**. Oxford: Oxford university press, 2005. p. 178.

⁴ GETTIER, Edmund. Is justified true belief knowledge? *Analysis*, Oxford, v. 23, n. 6, p. 121-123, jun. 1963. Disponível em :<<http://www.jstor.org/stable/3326922>>. Acesso em: 25 ago. 2009.

⁵ *Ibid.*, p. 121.

⁶ *Ibid.*, p. 121.

⁷ ZAGZEBSKI, Linda. Inescapability of Gettier problems. *The philosophical quarterly*, Oxford, v. 44, n. 174, p. 65-73, jan. 1944. Disponível em:<<http://links.jstor.org/sici?sici=0031-8094%28199401%2944%3A174%3C65%3ATI0GP%3E2.0.CO%3B2-R>>. Acesso em: 7 mar. 2007.

A explicação de Zagzebski evidenciou o fato de que se as condições de justificação e verdade forem muito independentes uma da outra, sempre haverá espaço para a justificação de crenças falsas. Sua posição parece ser a de que é necessário vincular a garantia da verdade da crença às condições que proveem a justificação.⁸

Stephen Hetherington e situações contrafactuais

Stephen Hetherington, por sua vez, pretendeu defender a descrição clássica do conhecimento como crença verdadeira e justificada, insistindo que os agentes dos casos de Gettier de fato têm conhecimento.⁹ Ele afirmou que há uma espécie de consenso entre os epistemólogos de que o conhecimento nos casos de Gettier é contraintuitivo ou, sob uma análise mais detalhada, que há a interferência de sorte. Esse entendimento estaria equivocado porque os casos de Gettier têm outras continuações possíveis. No caso dos celeiros falsos, por exemplo, há duas continuações possíveis: (a) Henry *não é* enganado pelos celeiros falsos (ele pode, por exemplo, ter dado meia volta no seu carro e voltado para casa) e (b) Henry *é* enganado por celeiros falsos enquanto continua seu caminho. No caso (b), é possível afirmar que ele se torna vítima do contraexemplo e não pode ter conhecimento. No caso (a), entretanto, não parece intuitivo afirmar que Henry não tem conhecimento. Hetherington argumentou que a exposição original do caso dos celeiros falsos não deixa claro qual das duas situações de fato ocorre. Sem saber o que se dá, não é possível afirmar categoricamente que Henry não tem conhecimento.

Pela mera possibilidade de ele não ter conhecimento, muitos filósofos foram levados a acreditar que ele não tem conhecimento em hipótese alguma: como se a impossibilidade de aquisição de conhecimento em uma situação contrafactual levasse à impossibilidade de conhecimento na situação factual. Hetherington¹⁰ chamou esse tipo de construção de *falácia de contrafactuais epistêmicos*. Para o autor, se o agente *quase* foi enganado, isso não significa que ele não possa ter conhecimento.

Além disso, Hetherington afirmou que aqueles que opinam pela impossibilidade de conhecimento nos casos de Gettier endossam uma perspectiva infalibilista, pois negam que o conhecimento possa simplesmente estar presente nesses casos.¹¹ Isso é especialmente

⁸Ibid., p. 73.

⁹HETHERINGTON, Stephen. Actually knowing. *The philosophical quarterly*, Oxford, v. 48, n. 193, p. 453-469, out. 1998. Disponível em :<<http://www.jstor.org/stable/2660237>>. Acesso em: 2 jul. 2014.

¹⁰Ibid., p. 456.

¹¹Ibid., p. 462.

problemático entre os epistemólogos que buscam veicular uma perspectiva não cética do conhecimento. Ele, por outro lado, argumentou que é possível ter conhecimento falível. Seria de certa forma razoável admitir que a aquisição de conhecimento é incompatível com a ocorrência de sorte, mas para tanto seria necessário se comprometer com uma perspectiva infalibilista de conhecimento.

Objecções à perspectiva de S. Hetherington

De acordo com Anthony R. Booth¹², dois autores, John Turri e Brent J. C. Madison apresentaram críticas às ideias de Stephen Hetherington. Turri observou que o propósito de Hetherington foi fornecer uma leitura alternativa dos casos de Gettier, e não provar que os agentes desses casos têm conhecimento.¹³ O erro de grande parte dos epistemólogos seria insistir em uma espécie de infalibilismo, mesmo que eles estivessem dispostos a admitir que nem todo conhecimento humano é infalível. Se se levar adiante uma descrição falibilista do conhecimento, é possível conceber situações em que há mais falibilidade e outras em que há menos.¹⁴ Para Hetherington, o que acontece nos casos de Gettier é que os agentes têm crença verdadeira e justificada o suficiente para ter conhecimento, mas são afetados por uma ocorrência estranha.¹⁵ Mesmo assim, seria possível ter conhecimento falível.

Turri concordou com a formulação de que há situações mais falíveis que outras, mas insistiu que os casos de Gettier são situações "falíveis demais", e que não é possível nem mesmo "quase ter conhecimento" nelas.¹⁶ Essa é uma dificuldade que os proponentes da descrição de conhecimento como crença verdadeira e justificada ainda têm que superar.

Madison, por sua vez, concordou com parte das ideias centrais de Hetherington, principalmente com a falácia de contrafactuais epistêmicos e com a afirmação de que *quase* não ter conhecimento não é o mesmo que não ter conhecimento *de fato*.¹⁷ Entretanto,

¹² BOOTH, Anthony. R. The Gettier illusion, the tripartite analysis, and the divorce thesis. *Erkenntnis*, Dordrecht, 79 (3), p. 625-638, 2013. Disponível em :<<http://philpapers.org/rec/BOOTGI>>. Acesso em: 20 out. 2014.

¹³TURRI, John. I knowledge justified true belief? *Synthese*, Dordrecht, 184 (3), p. 247-259, 2012. p. 250. Disponível em :<<http://philpapers.org/rec/TURIKJ>>. Acesso em: 17 out. 2014.

¹⁴HETHERINGTON, Stephen. Knowing failably. *The journal of philosophy*, Nova Iorque, v. 96, n. 11, p. 565-587, nov. 1999. p. 569. Disponível em :<<http://www.jstor.org/stable/2564624>>. Acesso em: 20 out. 2014.

¹⁵Ibid., p. 574.

¹⁶ TURRI, John. I knowledge justified true belief? *Synthese*, Dordrecht, 184 (3), p. 247-259, 2012. p. 251. Disponível em :<<http://philpapers.org/rec/TURIKJ>>. Acesso em: 17 out. 2014.

¹⁷ MADISON, Brent J. C. Combating anti anti-luck epistemology. *Australasian journal of philosophy*, Sydney, 89 (1), p. 47-58, 2011. Disponível em :<<http://doi.org/10.1080/00048400903524375>>. Acesso em: 15 out. 2014.

segundo ele, Hetherington inferiu do fato de que é possível ter conhecimento por sorte que os agentes dos casos de Gettier têm conhecimento. Assim, seria possível ter conhecimento apesar das situações contrafactuais, mas não em todos os casos. Há certos tipos de contrafactuais que prejudicam a capacidade de o agente ter conhecimento. Madison, então, apresentou o argumento de Duncan Pritchard de que há tipos de sorte compatíveis ou não-compatíveis com a aquisição de conhecimento.¹⁸ É esse tipo "maligno" de sorte que está presente nos casos de Gettier. Assim, segundo Madison, para se evitar os casos de Gettier é necessária a adoção de princípios antissorte, como o princípio da segurança sugerido por Pritchard.

Duncan Pritchard e a epistemologia anti-sorte

Duncan Pritchard se dedicou ao exame do que chama de "platitude da sorte epistêmica".¹⁹ A ocorrência de sorte na aquisição de conhecimento tem sido tratada como uma banalidade na literatura filosófica, uma vez que sua incompatibilidade com o conhecimento era considerada "óbvia". Entretanto, Pritchard pretendeu demonstrar como essa incompatibilidade não é tão banal, uma vez que há tipos diferentes de sorte, e esses tipos interagem com a aquisição de conhecimento de formas distintas. Há tipos que não interferem na capacidade do agente em ter conhecimento e tipos que interferem. Pelo menos dois tipos evidenciados por Pritchard são abordados por outros autores e mencionados a seguir: a sorte epistêmica evidencial (é uma questão de sorte que o agente adquira a evidência que tem em favor da sua crença) e a sorte epistêmica verídica (é uma questão de sorte que a crença do agente seja verdadeira). A sorte epistêmica evidencial se enquadra no tipo de sorte epistêmica que afeta apenas as condições pré-epistêmicas do conhecimento, e por isso não é incompatível com a sua aquisição. A sorte epistêmica verídica, por outro lado, afeta a verdade da crença, e sua ocorrência pode comprometer a aquisição de conhecimento.

Ele também manifestou uma perspectiva dissonante da opinião de Hetherington: para Pritchard, o equívoco de Hetherington estaria em perceber que há situações em que a sorte *às vezes* é compatível com a aquisição de conhecimento, e daí concluir que a sorte epistêmica *sempre* é compatível com o conhecimento, mesmo em casos mais problemáticos.²⁰ Não é isso o que acontece de fato, uma vez que é possível formular casos mais complexos do que aqueles descritos originalmente por Gettier e Hetherington.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ PRITCHARD, Duncan. **Epistemic luck**. Oxford: Oxford university press, 2005.

²⁰ Ibid., p. 180.

Outro ponto problemático é o fato de que certos contraexemplos são formulados de maneira solta, sem detalhes importantes. Isso permite leituras muito contrastantes, seja tornando a aquisição de conhecimento mais fácil ou mais difícil.²¹ No exemplo do "caso do assassinato político" criado por Gilbert Harman e apresentado por Hetherington e Pritchard, a personagem Jill tem uma crença verdadeira de que o presidente foi assassinado.²² Tal crença é tem como base a leitura do jornal da manhã. Em edições posteriores do jornal, essa informação é negada, mas Jill não tem a oportunidade de ler essas notícias. Neste exemplo faltam detalhes que podem levar a diferentes julgamentos sobre a posição epistêmica de Jill, como quão confiável é o jornal e o quão inclinada Jill estaria a acreditar nos relatos da imprensa de seu país. Esses detalhes podem ser concebidos de maneira a formar casos "extremos" em que a crença de Jill é marcada pela sorte epistêmica evidencial e permite conhecimento (uma situação epistemicamente "amigável") ou está comprometida pela sorte epistêmica verídica e não pode ensejar conhecimento (uma situação epistemicamente "não amigável").

Controvérsia quanto ao infalibilismo e a sorte epistêmica

Em um trabalho mais recente, Hetherington articulou uma defesa de seus argumentos.²³ O centro da sua defesa está na constatação de que os epistemólogos que insistem na impossibilidade de conhecimento em casos de Gettier têm aspirações infalibilistas, mesmo que admitam que o conhecimento possa ser falível. Anthony R. Booth completou que, ou eles sofrem uma espécie de propensão latente ao infalibilismo, ou eles assumem equivocadamente que as crenças nos casos de Gettier podem ser falsas.²⁴

Os argumentos de Turri, Madison e Pritchard apontam para uma espécie de gradação da falibilidade de situações epistêmicas, algo que é admitido pelo próprio Hetherington. Para eles, algumas situações são falíveis demais para que seja possível a aquisição de conhecimento, ou então essas situações apresentam um elemento de sorte que interfere na verdade da crença. Não parece tão claro que esses autores acreditem que as crenças nos casos de Gettier possam ser falsas, mas sua preocupação com a falibilidade

²¹Ibid., 169.

²²Ibid., 168.

²³ HETHERINGTON, Stephen. The Gettier-illusion: Gettier-partialism and infallibilism. *Synthese*, Dordrecht, 188 (2), p. 217-230, 2012. Disponível em :<<http://philpapers.org/rec/HETITGG>>. Acesso em: 20 out. 2014.

²⁴ BOOTH, Anthony Robert. The Gettier illusion, the tripartite analysis, and the divorce thesis. *Erkenntnis*, Dordrecht, 79 (3), p. 625-638, 2013. p. 629. Disponível em :<<http://philpapers.org/rec/BOOTGI>>. Acesso em: 20 out. 2014.

exagerada ou com a presença de sorte verídica nesses exemplos pode ter sido interpretada por Hetherington como uma defesa do infalibilismo.

Entretanto, como já foi argumentado por Pritchard, Hetherington não contemplou todas as hipóteses em que a sorte epistêmica interfere na aquisição de conhecimento. Pritchard se reportou a mais um tipo problemático de sorte por ele chamado de sorte epistêmica reflexiva, sintetizada da seguinte forma: dado o que o agente é capaz de conhecer apenas através de reflexão, é uma questão de sorte sua crença ser verdadeira.²⁵ O agente cuja crença verdadeira e justificada é marcada pela sorte reflexiva não compreende a forma através da qual ele sustenta sua crença. Assim, o raciocínio de Pritchard leva em consideração o que pode ser contemplado reflexivamente pelo agente epistêmico. Se tal agente não compreende a forma através da qual ele sustenta sua crença, ele não pode conhecer, mesmo que sua crença seja verdadeira e suficientemente justificada.

Aparentemente, situações como essa não foram contempladas por Hetherington. Elas ampliam o escopo do debate sobre os problemas de Gettier adicionando elementos como a capacidade reflexiva e as qualidades intelectuais do agente epistêmico.

Considerações finais

Hetherington parece ter acertado em seu diagnóstico de que os filósofos que defendem que não é possível ter conhecimento em casos de Gettier nutrem uma espécie de infalibilismo latente. Se eles insistirem em afirmar que a impossibilidade contrafactual de conhecimento derruba a possibilidade factual, suas ideias merecem revisão. Entretanto, os críticos cujas objeções foram apresentadas neste trabalho não parecem ter veiculado ideias infalibilistas. Eles apenas ofereceram interpretações de que nos casos de Gettier há sorte (ou falibilidade) suficiente para prejudicar a aquisição de conhecimento. Para se ter conhecimento seria necessário ter crença verdadeira e justificada e mais alguma condição, como apontado por Zagzebski. Além disso, Hetherington não observou que há tipos diferentes de sorte que podem ou não interferir na aquisição de conhecimento, e ele não ofereceu oposição a um desses tipos: a sorte epistêmica reflexiva.

O ponto principal que é evidenciado pela polêmica que se formou é que os epistemólogos se dividem ao contemplar quão falível pode ser a aquisição de conhecimento. Parece evidente que o conhecimento humano pode ser falível, mas eles ainda debatem sobre o que é razoável admitir como conhecimento, seja a definição mais ampla de Hetherington,

²⁵PRITCHARD, Duncan. **Epistemic luck**. Oxford: Oxford university press, 2005. p. 175.

seja a definição mais rígida dos seus críticos. As contribuições de Hetherington para a defesa da descrição de conhecimento como crença verdadeira e justificada talvez ainda não sejam suficientes para provar definitivamente sua opinião, mas trazem à discussão sobre a possibilidade de conhecimento de casos de Gettier pontos relevantes como a reflexão sobre o falibilismo e o perigo da falácia de contrafactuais epistêmicos.

Referências

BOOTH, Anthony Robert. The Gettier illusion, the tripartite analysis, and the divorce thesis. *Erkenntnis*, Dordrecht, 79 (3), p. 625-638, 2013. Disponível em :<<http://philpapers.org/rec/BOOTGI>>. Acesso em: 20 out. 2014.

GETTIER, Edmund. Is justified true belief knowledge? *Analysis*, Oxford, v. 23, n. 6, p. 121-123, jun. 1963. Disponível em :<<http://www.jstor.org/stable/3326922>>. Acesso em: 25 ago. 2009.

HETHERINGTON, Stephen. Actually knowing. *The philosophical quarterly*, Oxford, v. 48, n. 193, p. 453-469, out. 1998. Disponível em :<<http://www.jstor.org/stable/2660237>>. Acesso em: 2 jul. 2014.

_____. Knowing failably. *The journal of philosophy*, Nova Iorque, v. 96, n. 11, p. 565-587, nov. 1999. Disponível em :<<http://www.jstor.org/stable/2564624>>. Acesso em: 20 out. 2014.

_____. The Gettier-illusion: Gettier-partialism and infallibilism. *Synthese*, Dordrecht, 188 (2), p. 217-230, 2012. Disponível em :<<http://philpapers.org/rec/HETTGG>>. Acesso em: 20 out. 2014.

MADISON, Brent J. C. Combating anti anti-luck epistemology. *Australasian journal of philosophy*, Sydney, 89 (1), p. 47-58, 2011. Disponível em :<<http://doi.org/10.1080/00048400903524375>>. Acesso em: 15 out. 2014.

PRITCHARD, Duncan. *Epistemic luck*. Oxford: Oxford university press, 2005.

TURRI, John. I knowledge justified true belief? *Synthese*, Dordrecht, 184 (3), p. 247-259, 2012. Disponível em :<<http://philpapers.org/rec/TURIKJ>>. Acesso em: 17 out. 2014.

ZAGZEBSKI, Linda. Inescapability of Gettier problems. *The philosophical quarterly*, Oxford, v. 44, n. 174, p. 65-73, jan. 1944. Disponível em

:<<http://links.jstor.org/sici?sici=0031-8094%28199401%2944%3A174%3C65%3ATIOGP%3E2.0.CO%3B2-R>>. Acesso em: 7 mar. 2007.

Texto recebido em: 22/12/2014
Aceito para publicação em: 23/12/2014